



**A PRODUÇÃO ESCRITA DO ARQUITETO ROBERTO CASTELO:
Ensino, formação social e sistemática teórica**

**LA PRODUCCIÓN ESCRITA DEL ARQUITECTO ROBERTO
CASTELO: Enseñanza, formación social y sistemática teórica**

**THE WRITTEN PRODUCTION OF THE ARCHITECT ROBERTO
CASTELO: Teaching, social formation and thoretical systematics**

BRUNO MELO BRAGA (1); IGOR LIMA RIBEIRO (2)

1. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU-UFC (2017), Departamento de Arquitetura e Urbanismo - UFC.
Avenida da Universidade, 2890. Benfica. CEP 60020-181. Fortaleza - CE.
brunobragaarq@gmail.com

2. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU-UFC (2018), Rede Arquitetos.
Rua Marcos Macedo, 1333, sala 1816. Aldeota. CEP 60150-190. Fortaleza - CE.
igorilr@gmail.com

RESUMO

O arquiteto Roberto Martins Castelo é um dos nomes de maior expressão da arquitetura moderna no Ceará. Apesar de não possuir uma produção de projetos tão extensa, algumas de suas obras são exemplares significativos da produção do período, como a Assembleia Legislativa do Ceará e o Instituto Médico Legal. Além de sua atuação na prática de projetos, Roberto também possui um intenso envolvimento com o ensino e, mais recentemente, com a produção escrita. Tendo em vista o



desconhecimento desta última e reconhecendo seu valor como acervo de documentação da trajetória do arquiteto, o objetivo deste trabalho é analisar as principais reflexões teóricas trazidas por Roberto em seus textos, de forma a relacioná-los com os outros aspectos de sua atuação. Dessa maneira, será apresentado inicialmente um breve resumo da sua formação na UnB, de forma a contextualizar de onde partem suas principais convicções, além de uma breve descrição de sua atuação prática e docente, para, posteriormente, estruturar a análise de seu pensamento a partir de três eixos principais: ensino, formação social e sistemática teórica. Pretende-se, ao fim, mostrar a importância de sua formação em Brasília na consolidação de suas convicções e pensamento, apontando como estes estão presentes de forma coerente em sua atuação projetual, docente e escrita.

Palavras-chave: Arquitetura moderna no Ceará; Roberto Castelo; Teoria do arquitetura.

RESUMEN

El arquitecto Roberto Martins Castelo es uno de los nombres de mayor expresión de la arquitectura moderna en Ceará. A pesar de no poseer una producción de proyectos tan extensa, algunas de sus obras son ejemplares significativos de la producción del período, como la Asamblea Legislativa de Ceará y el Instituto Médico Legal. Además de su actuación en la práctica de proyectos, Roberto también posee una intensa implicación con la enseñanza y, más recientemente, con la producción escrita. Con vistas al desconocimiento de esta última y reconociendo su valor como acervo de documentación de la trayectoria del arquitecto, el objetivo de este trabajo es analizar las principales reflexiones teóricas traídas por Roberto en sus textos, de forma a relacionarlos con los otros aspectos de su actuación. De esta manera, se presentará inicialmente un breve resumen de su formación en la UnB, de forma a contextualizar desde donde parten sus principales convicciones, además de una breve descripción de su actuación práctica y docente, para posteriormente estructurar el análisis de su pensamiento a partir de tres ejes principales: enseñanza, formación social y sistemática teórica. Se pretende, al final, mostrar la importancia de su formación en Brasilia en la consolidación de sus convicciones y pensamiento, apuntando cómo estos están presentes de forma coherente en su actuación proyectual, docente y escrita.

Palabras clave: Arquitectura moderna en Ceará; Roberto Castelo; Teoria de arquitectura.

ABSTRACT

The architect Roberto Martins Castelo is one of the most expressive names of modern architecture in Ceará. Despite not having such an extensive production of projects, some of his works are exemplary examples of the production of the period, such as the Legislative Assembly of Ceará and the Legal Medical Institute. In addition to his design practice, Roberto also has an intense involvement with teaching and, more recently, with written production. The objective of this work is to analyze the main theoretical reflections brought by Roberto in his texts, in order to relate them with the other aspects of his work. In this way, a brief summary of his graduation at UnB will be presented initially, in order to contextualize his main convictions, besides a brief description of its practical and teaching action, and later to structure the analysis of his thinking from three main axes: teaching, social formation and theoretical systematics. In the end, it is intended to show the importance of his formation in Brasilia in consolidating his convictions and thinking, pointing out how these are present in a coherent way on how he proceeds in design, teaching and writing.

Keywords: Modern Architecture in Ceará; Roberto Castelo; Theory of Architecture.



Introdução

A historiografia da arquitetura moderna brasileira possui um vasto material acerca da produção do eixo Sudeste, em especial Rio de Janeiro e São Paulo. Com o aumento dos intercâmbios entre diferentes localidades e consequente revisão historiográfica da produção moderna do país, tal produção tem se mostrado insuficiente na abrangência do contexto nacional. Percebe-se, portanto, a importância de ampliar o espectro de conhecimento para outras regiões, a fim de identificar aproximações e rupturas com esta que, durante muito tempo, foi a historiografia oficial da arquitetura moderna no Brasil.

Nesse sentido, tem sido de grande importância o avanço de pesquisas desenvolvidas nestas regiões, que têm trazido à luz nomes e obras de imenso valor e que, até então, tinham seu conhecimento restrito ao público especializado local.

Na arquitetura moderna produzida no Ceará, o arquiteto Roberto Martins Castelo (1939) assume um papel de destaque. Apesar de não possuir uma obra construída muito extensa, é autor de significativos exemplares do acervo moderno cearense, além de ter tido uma intensa vida acadêmica como professor no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará. Este artigo, no entanto, tem como foco uma outra frente de atuação do arquiteto: sua obra escrita. Se o levantamento do acervo arquitetônico do Ceará já possui uma considerável quantidade de obras, a produção teórica dos arquitetos do período ainda é muito pouco conhecida. Entendendo que estas reflexões teóricas também podem constituir-se objeto de valor para o entendimento da produção moderna local, e tendo em vista que Roberto foi um dos arquitetos do período com maior consistência neste aspecto, considera-se relevante ressaltar também sua produção teórica.

Assim, o trabalho inicia-se com uma breve biografia de Roberto, com foco em sua formação em Brasília, passando então para uma apresentação de seus principais feitos profissionais tanto na prática de projetos como na vida acadêmica, e culminando na análise



mais minuciosa de sua produção escrita, que será estruturada a partir de três eixos principais: ensino, formação social e sistemática teórica. Por fim, a título de conclusão, será exposta de que maneira sua formação na UnB foi fundamental para cristalizar as ideias que iriam embasar sua prática projetual, docente e teórica.

Formação em Brasília

Roberto Martins Castelo nasceu em Fortaleza, em março de 1939. Em 1962, tenta o vestibular para o curso de Arquitetura em Belo Horizonte, Minas Gerais. Após não conseguir passar na primeira tentativa, decide ficar mais um ano na cidade, quando fica sabendo do vestibular da recém-inaugurada UnB – Universidade de Brasília. Esta oportunidade o atrai tanto por representar uma segunda chance de entrar no Ensino Superior como pela possibilidade de estudar em um curso que tinha como diretor Oscar Niemeyer (1907), arquiteto já consagrado à época. A tentativa exitosa e a consequente ida para Brasília representam uma mudança radical na vida de Roberto.

A oportunidade de fazer parte das primeiras turmas da UnB, que apresentava uma estrutura inovadora e contava com alguns dos mais importantes nomes em diversas áreas de atuação, foi um marco significativo que influenciou toda a sua atuação futura, tanto como docente, como na prática projetual. A estrutura pedagógica era organizada com o objetivo de integrar os diversos campos do conhecimento, e se dividia em três tipos de órgãos que interagiam entre si: os Institutos Centrais, as Faculdades e os Órgãos Complementares.

No seu bojo, uma nova concepção do ensino da Arquitetura. Amplo e flexível, em nível de graduação e pós-graduação, com os benefícios da estrutura mais moderna da nova Universidade – a Universidade de Brasília. Uma relação aberta com todas as áreas de conhecimento, principalmente, através das artes plásticas, na vizinhança do Instituto Central de Artes (ICA). A FAU de Brasília foi o primeiro curso a ser implantado. Dizia Edgar Graeff, em Brasília, que a primeira aula aconteceu sob a copa de uma generosa e acolhedora mangueira, perto das instalações iniciais do Campus. (PEREIRA, 2005, p.110)



Em linhas gerais, os Institutos Centrais eram responsáveis pelos cursos básicos de campos de conhecimento abrangentes, as Faculdades pelo ensino especializado dos alunos já advindos dos cursos básicos e os Órgãos Complementares eram os Departamentos, formados pelo corpo docente como unidade de trabalho e pesquisa em uma área bem definida, sendo responsável por algumas disciplinas das faculdades. Essa estrutura tinha como grande diferencial a possibilidade de o aluno mudar sua trajetória de formação ao longo da universidade.

Roberto escolhe o ICCH – Instituto Central de Ciências Humanas, cursando disciplinas como Literatura, Economia e Sociologia, e ressalta o impacto que era para um estudante o ingresso em um Instituto, relatando que a maior parte dos seus colegas ainda continuava cursando alguma disciplina do ICA após o ingresso na FAU. De 1963 a 1964, Roberto Castelo foi monitor do arquiteto Edgar Graeff na disciplina de Teoria e Estética, recebendo uma ajuda de custo mensal para realizar as atividades, que consistiam na leitura semanal de textos indicados pelo professor para discussão posterior em sala de aula, ocasião em que o arquiteto adquire grande admiração que se mantém até os dias de hoje pelo trabalho de Graeff, especialmente pelo trabalho fruto da tese apresentada no concurso para provimento da cadeira de Teoria da Arquitetura, em 1959, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Essa aproximação tem evidentes repercussões na produção teórica do próprio Roberto, como será visto posteriormente.

É possível perceber, então, a importância do corpo docente, tanto do ICA como da FAU. No ICA, disciplinas de desenho, plástica, fotografia ou música ficavam sob a responsabilidade de nomes como Alfredo Ceschiatti (1918), Amélia Toledo (1926), Athos Bulcão (1918), Yulo Brandão e Cláudio Santoro (1919), entre outros. A FAU, por sua vez, contava com outros importantes nomes.

O ensino da faculdade estruturava-se em três segmentos fundamentais: Teoria e História, Composição e Planejamento e Tecnologia, sob a coordenação de Niemeyer. Ítalo Campofiorito era o secretário exe-



cutivo do curso, Glauco Campelo atuava no campo da projeção, Edgar Graeff em Teoria e História e João Filgueiras Lima, em tecnologia. (CASTELO, 2010)¹

Além da qualidade, um aspecto importante a ser ressaltado era, pelo próprio caráter de Brasília, a pluralidade das origens de cada um, como reforça Segawa (2002, p.133):

A síntese do signo do deslocamento na arquitetura encontra sua maior expressão em Brasília: o corpo docente da experimental Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília foi formado por um contingente de jovens do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco, capitaneados por mestres do porte de um Oscar Niemeyer, Alcides da Rocha Miranda e Edgar Graeff. A reunião desses arquitetos num ponto então longínquo no território brasileiro confunde-se com a própria epopeia de centenas de milhares de brasileiros, que vislumbram em Brasília uma nova etapa da história do país. (SEGAWA, 2002, p.133)

Sobre a FAU, além de mencionar a qualidade dos professores, Roberto chama a atenção também para outros dois aspectos: o nível dos alunos, que demonstravam bastante interesse e companheirismo, enriquecendo as discussões e o fato do curso se realizar em um canteiro de obras, de modo que vários ensinamentos eram mais facilmente assimilados por serem sempre diretamente confrontados com a realidade. Segundo ele, “Brasília era de uma efervescência cultural que é difícil de imaginar”. Era uma experiência riquíssima, que intensificava o envolvimento dos estudantes com a Universidade. Tudo isso era potencializado pela empolgação de professores e alunos.

No entanto, tudo isso mudaria drasticamente após o Golpe Militar de 1964, quando o Instituto Central de Artes (ICA) passou a ser um dos principais alvos de repressão do regime. Nesse período, vários professores foram demitidos e substituídos por outros indicados pelos militares. Segundo o depoimento de Roberto, a oposição dos alunos se fez também através do conhecimento, e não do confronto direto. A atitude estratégica adotada se fundamentava na incumbência assumida pelos próprios alunos, sob a liderança do centro acadêmico, em formar grupos de estudos nas diversas áreas de conhecimento

¹ Palestra proferida na Universidade de Brasília.



da Arquitetura, a fim de fazer frente aos procedimentos truculentos utilizados pela repressão militar.

Assim, os alunos formaram grupos de estudo para se aprofundar nos assuntos ensinados antes das aulas e pressionar os professores com discussões e perguntas de maneira a expor a falta de preparo e desafiar o novo corpo docente. Dessa forma, criou-se um clima hostil de pressão sobre os professores, o que geraria uma greve dos estudantes em 1967. PRATES apud CASTRO (2004), afirma que quando substituíram os professores indicados anteriormente por Niemeyer, os estudantes instituíram o lema “Queremos formação, não formatura”. Os professores passaram a não suportar mais e alguns começaram a se demitir. Em uma assembleia dos alunos, eles decidem fechar a Escola e, na noite do mesmo dia, todas as fechaduras da FAU estavam bloqueadas com cola “Araudite” e algumas picaretas foram penduradas nas vigas.

Com o DACAU criado, os estudantes da FAU fecharam a faculdade e o impacto foi tão grande que alunos que iriam formar-se, em cerimônia no Congresso Nacional, recusaram-se a receber o diploma e entoaram o lema. “Éramos ambiciosos, queríamos a saída de todos os professores”, ri. Nesse episódio, Prates foi eleito presidente do DACAU. (CASTRO, 2004)

Chegou-se, então em um total impasse entre a Universidade, que queria reabrir o ICA e a FAU, e os alunos, que não aceitavam a reabertura com o corpo docente imposto pelos militares. O grupo de estudantes que assume a liderança do processo, do qual Roberto fazia parte, vai ao encontro do então presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB, Fábio Penteadó. Começa, então, um processo de negociação entre a Reitoria, o IAB e os estudantes, para a indicação de um grupo de arquitetos que seria liderado pelos arquitetos cearenses Neudson Braga e Liberal de Castro e responsável pela reabertura do conjunto ICA-FAU em 1968. A participação de Roberto Castelo na condição de estudante desse processo teve repercussões significativas na dimensão social de seu pensamento.



Percebe-se, portanto, a partir do que foi relatado, que o período de formação de Roberto em Brasília vai muito além da experiência em sala de aula. A inserção neste contexto apresentado exercerá forte influência na atuação do arquiteto, seja na docência, na prática de projetos ou na produção textual. O amplo entendimento do fazer arquitetônico, focado no projeto, mas ciente das razões sociais que o embasam, moldaram a forma com que Roberto entende arquitetura. Como ele mesmo destaca: “A gente entendeu que a disciplina de projeto é a síntese do curso e tudo que você estuda está sintetizado no projeto. Foi um período muito produtivo”.

Atuação profissional: ensino e prática projetual

Ainda enquanto estudante em Brasília, Roberto passa a frequentar a recém-inaugurada Escola de Arquitetura da UFC em suas constantes vindas à Fortaleza, por força das paralisações da UnB. Na Escola, passa a ter contato com alunos e mestres das primeiras turmas, dentre os quais os estudantes Fausto Nilo, Paulo Cardoso e Nearco Araújo, e os professores Neudson Braga, Liberal de Castro e Armando Farias. Participava de algumas aulas e discussões sobre arquitetura, além de outras atividades, como levantamentos da arquitetura antiga na cidade de Aracati, prática bastante comum à época (PAIVA E DIÓGENES, 2006).

Deste convívio nasce a proximidade com os professores, que, somado ao seu perfil intelectual, gerou o convite para participar de uma seleção interna para lecionar na UFC (PAIVA E DIÓGENES, 2006). Assim, em 1970, um ano após sua formatura na UnB, ingressou como professor na Escola de Arquitetura da UFC. Sobre essa experiência, já é perceptível a influência de sua experiência de formação, quando afirma:

O ensino não é mera transmissão de conhecimento, não pode ser abstrato, precisa ter em seu âmago a chama, o desejo da transformação da realidade vigente. Os conhecimentos produzidos não podem ser apropriados individualmente como objeto de ganho pessoal. A responsabilidade social de sua aplicação é condição necessária a esse ganho, que advirá naturalmente. (CASTELO, 2010) (informação pessoal).



Questionado sobre qual disciplina preferia assumir, ele escolhe Introdução à Arquitetura I e II, seguindo os passos do mestre Edgar Graeff. Substitui o antigo professor Reginaldo Rangel e muda a abordagem. Passa a focar primeiramente a cidade e depois o edifício, acreditando que este está inserido naquela. Para isso, fazia uso da teoria de Kevin Lynch e seus elementos básicos de orientação, como destacam Paiva e Diógenes (2006, p.6):

À frente da disciplina, preconizava a leitura do espaço urbano a partir das categorias de análise enunciadas por Kevin Lynch em “A Imagem da Cidade”, que norteiam a orientação e os deslocamentos humanos, como também com base na visão sequencial proposta por Gordon Cullen na percepção da “Paisagem Urbana”. No que se refere à arquitetura, procurou adaptar as abordagens desses autores a uma leitura crítica do edifício.

Objetivando estudar e entender o espaço construído, levava os estudantes para sítios específicos da cidade, elaborando roteiros para cada uma das equipes. Depois disso, através dos trabalhos desenvolvidos, articulava uma discussão coletiva de todos os trechos para organizar o conhecimento. A esse respeito, Castelo (2014)² reforça que, embora o trabalho partisse de uma abordagem antropológica, nela não se detinha (informação pessoal):

Ao contrário, os estudantes enveredavam para as questões sociais, econômicas, políticas e ideológicas do espaço urbano. Não se fazia sociologia, mas se constatava os prolongamentos sociológicos ou ideológicos do espaço, por exemplo. A identificação de todos esses elementos era feita pelo estudante, pressupondo o registro de imagens, croquis, desenhos, gravações, etc. ao longo do trajeto estudado. O material colhido era compartilhado pelos demais estudantes, constituindo motivo para debates em sala e o aprofundamento das questões levantadas, orientava leituras, novos registros e debates...

No semestre subsequente, após ter se debruçado sobre a cidade, passava então para o estudo do edifício, que constituía a disciplina de Introdução à Arquitetura II. Nesse

² Palestra proferida na abertura do XX Congresso Brasileiro de Arquitetos – XX CBA, em Fortaleza.



momento, a principal influência foi seus ensinamentos de Brasília. A discussão dos projetos e dos desenhos técnicos que os compõem se dava no próprio canteiro de obras, promovendo a relação dos alunos com a realidade, como ele mesmo cita em diversas ocasiões: “você não é capaz de desenhar o que não tenha visto antes”.

Após três semestres, um grupo do curso de Educação da UFC fica sabendo da disciplina e vai conhecer de perto o trabalho desenvolvido por Roberto. Foi nessa ocasião que ele foi apresentado com o livro “Liberdade para aprender” de Carl Rogers (1902), que até então não conhecia, mas que se tornou posteriormente sua segunda fonte de inspiração, em se tratando do processo de educar. Anteriormente, ele se baseava apenas no trabalho de Paulo Freire (1921) – sua admiração maior – que, no entender do arquiteto, defendia que deve-se trabalhar inicialmente a realidade material para depois trabalhar os diversos níveis de abstração. Percebe-se, mais uma vez, a importância da proposta pedagógica da UnB em sua formação, tendo o arquiteto adquirido uma visão ampla que influenciou bastante seu entendimento sobre educação e, conseqüentemente, sua forma de ensinar.

Sobre a forma como encarava a docência, Roberto testemunha que levava o ensino com muita seriedade e nunca foi um professor de chegar à sala e dizer aquilo que tinha aprendido no exercício profissional, sempre estudando da maneira mais profunda possível a arquitetura e o modo como ensinar. Segundo Neudson Braga, desde o começo, “o Roberto demonstrou uma vocação intelectual acima da média”.

Intelectual, conhecido por sua dedicação aos estudos, leitor voraz e amante do debate constante sobre a produção da arquitetura moderna brasileira, Roberto Castelo logo se converteu em figura de referência para os alunos. (PAIVA, DIÓGENES, 2007, p.5)

Em 1975 Roberto recebe o convite para ser secretário executivo da Comissão de Ensino de Arquitetura e Urbanismo, junto ao Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação. Nessa ocasião, aproveita a ida a Brasília e inicia um Mestrado em Planejamento Urbano no Departamento de Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Ur-



banismo da UNB, com intenção de desenvolver um trabalho sobre a tese de doutoramento de Edgar Graeff, demonstrando mais uma vez a influência deste sobre o pensamento teórico de Roberto. Tinha como objetivo inicial ser orientado pelo próprio arquiteto, o que acaba não sendo possível, já que Graeff estava fora dos quadros da Universidade por causa da Ditadura Militar. Apesar de ter cursado todas as disciplinas, Roberto acaba desistindo do curso, por questões pessoais. Retornando a Fortaleza,

(...) resolve aliar a experiência prática de projeto e construção adquirida até então, ao ensino de projeto, assumindo a disciplina de Projeto Arquitetônico no curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC, advogando a vigência das práticas arquitetônicas modernas e o comprometimento social que lhe é implícito desde a formação. Na disciplina, adota como prática metodológica algumas referências arquitetônicas, como a composição racional dos elementos e articulação das funções presentes na obra de Georges Candillis (1913) (PAIVA e DIÓGENES, 2006).

Além da experiência em sala de aula, atua de forma ativa na academia, ocupando em algumas ocasiões a função de Chefe de Departamento e de Coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC. Teve também atuação significativa como representante de classe. Participou de eventos da Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura – ABEA, representando a UFC, em 1975 recebe o convite para ser Secretário Executivo da Comissão de Ensino de Arquitetura e Urbanismo, junto ao Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Cultura. Mais recentemente, de 2011 a 2014, participou como Conselheiro na primeira gestão do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Ceará – CAU-CE. Por seus méritos profissionais, é convidado até hoje a dar palestras em diversos eventos e foi indicado em várias ocasiões para participar, como jurado, de premiações e concursos nacionais e locais, tendo recebido homenagens de diversas instituições. Como orientador de trabalhos finais de graduação, teve diversos alunos premiados no concurso Ópera Prima.

Paralelamente à esta atividade didática, Roberto Castelo também inicia sua prática de projetos, desenvolvendo seus trabalhos em escritório próprio. Associa-se, então aos ar-



quitetos Ramón Henrique Hedreira Neves (1941) e Ronaldo Alcedo Reis Alves (1942), ambos formados pela UnB e ao arquiteto José da Rocha Furtado Filho (1943), formado em 1968 na Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo - FAUUSP. Os dois primeiros deixam o escritório em 1972, de forma que a parceria com o arquiteto Furtado Filho dura até 1975, quando Roberto passa a desenvolver os projetos isoladamente ou através de parcerias ocasionais. Apesar de não muito extensa, tal prática é bastante significativa, principalmente no que se refere à carga reflexiva que ele confere aos projetos.

Em sua trajetória, o período de maior produção de projetos se dá ao longo dos anos 1970 até início dos anos 1980. Este período é também o mais fértil da produção da arquitetura moderna no Ceará. Segundo Paiva e Diógenes (2006), Roberto materializa, em Fortaleza, juntamente com os arquitetos da chamada primeira geração, os fundamentos preconizados pela arquitetura moderna brasileira.

Ao longo de sua carreira, duas tipologias principais marcaram sua produção: os edifícios institucionais e as residências unifamiliares. No caso das últimas, assim como acontecia com a maioria dos arquitetos desse período, a maior parte encomendada por amigos e familiares e localizadas, principalmente nos limites dos bairros Aldeota e Dionísio Torres, quase todas construídas na década de 1970 e, em grande parte, já demolidas.

Já em relação aos edifícios institucionais, é possível destacar: Assembleia Legislativa do Ceará (1972-1976) , Anexo do Instituto de Educação do Ceará (1973) , Indústria de sorvetes Bem Bom (1975), Instituto Médico Legal (1982) e Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará (1982). Talvez pelo maior porte destas edificações, nenhuma delas foi completamente demolida, mas a maior parte já passou por significativas alterações, descharacterizando alguns aspectos originais dos projetos.



Em suas obras também é possível identificar influência de seus anos na UnB. Isso acontece no âmbito teórico, uma vez que a dimensão social da arquitetura e a reflexão sobre a arquitetura moderna são temas sempre presentes no discurso de Roberto ao falar de suas obras, e também em características mais evidentes, através da influência direta de alguns arquitetos. Estas alternam entre as referências formais e construtivas da chamada “escola paulista”, exemplificada principalmente nas obras de Vilanova Artigas (1915) e Paulo Mendes da Rocha (1928), como influência da arquitetura da “escola carioca”, mais especificamente os preceitos da Arquitetura Nova, de Lúcio Costa e a obra de Oscar Niemeyer que, segundo ele, assumiam uma abordagem mais culturalista. Estas influências geraram uma preocupação constante na obra do arquiteto: o alinhamento da linguagem moderna com o entendimento do lugar e da tradição, além das condições climáticas.

Roberto Castelo (2010), ao falar sobre a prática de projeto nos tempos de UnB, reforça algumas características que o acompanhariam ao longo de toda a carreira:

(...) éramos, sobretudo, arquitetos de prancheta. Sabíamos que o mergulho na atividade composicional (momento de síntese dos conhecimentos adquiridos) pressupunha o domínio das demais disciplinas, em que a obra é “concebida no todo e realizada no pormenor de modo estritamente funcional, que dizer, em obediência escrupulosa às exigências do cálculo, da técnica, do meio e do programa, mas visando sempre igualmente alcançar um apuro plástico ideal, graças à unidade orgânica que a autonomia estrutural faculta e à relativa liberdade no planejar e compor que ela enseja.

Percebe-se, portanto, que essas características que o arquiteto levou para sua prática de projetos possuem estreita relação com sua formação na UnB, primeiramente pela forte influência da escola carioca, passada principalmente pelos professores dos primeiros anos do curso e reproduzida no discurso de Roberto Castelo.

Produção escrita



Apesar de ter sempre adotado uma postura crítica e uma reflexão teórica que o acompanham desde sua formação até sua atividade projetual e docente, é só bem posteriormente que Roberto Castelo começa sua produção textual de maneira mais sistemática e organizada. A partir da década de 1990 ele passa a produzir diversos textos e/ou artigos para jornais locais, conferências em que é convidado ou para os alunos da disciplina de Projeto Arquitetônico.

Para melhor compreensão dos textos, serão apresentadas algumas questões que os embasam, tomando como base os principais temas abordados, que serão organizados em três abordagens principais: sociológica, pedagógica e arquitetônica. Tais abordagens têm relação direta com a sua formação na UnB. Esta divisão, de fins exclusivamente didáticos, não segue uma ordem cronológica ou de importância, nem busca estabelecer um método definitivo, mas sim aprofundar questões específicas e facilitar o entendimento. Além disso, também não é intenção indicar uma dissociação entre os aspectos, uma vez que se percebe, entre eles, coerência e complementaridade.

Abordagem sociológica

Partindo de uma abordagem sociológica, Castelo (2012)³ constrói um arcabouço teórico com base em diversos autores. Da análise da infraestrutura econômica e dos respectivos modos de produção, até a superestrutura e suas respectivas relações sociais. Chega, em seguida, aos objetos arquitetônicos, enquadrando a arquitetura como uma prática peculiar e específica dentre as diversas práticas sociais. Para isso, analisa a transformação do espaço natural em espaço social, ou seja, desde a transformação, na natureza, da matéria bruta em matéria prima, passando pelos recursos materiais e intelectuais envolvidos na produção - construção – dos objetos, assim denominados pelo seu valor de uso, e/ou produtos, pelo seu valor de troca.

³ Apresentação oral realizada na Universidade Federal do Ceará.



Afirma então que “a arquitetura é o processo de construção do espaço social nas escalas do edifício e da cidade” (CASTELO, 2012). Sobre a distinção entre valor de uso e valor de troca, Barrios (1986) assinala que:

As formações sociais, em sua evolução, passam de uma situação de simples ocupação e aproveitamento do espaço (adaptação passiva) para uma situação de transformação cada vez mais ampla e profunda desse espaço (adaptação ativa). Essa transformação compreende não apenas a produção de bens materiais como também a adequação do meio ambiente circundante às necessidades individuais, familiares, comunitárias e das formações sociais em seu conjunto. Em consequência, as formas espaciais adquirem diferentes escalas de configuração, como: a dos objetos de consumo; a dos fatos arquitetônicos; a dos fatos urbanos; a da organização territorial. Cada uma das quais constituindo o objeto de estudo das seguintes disciplinas: desenho industrial, desenho arquitetônico, desenho urbano e planificação física.

Como processo de construção do espaço, a produção arquitetônica caminha lado a lado com o desenvolvimento tecnológico dos meios de produção, seja apontando caminhos ao propor novas soluções tecnológicas, seja adotando soluções existentes. Sobre esse aspecto, Roberto Castelo (1990)⁴ entende que deve existir uma “sintonia entre a evolução global da sociedade e o progresso técnico”, e que “nos países periféricos ocorre visível ruptura entre o progresso cultural e o progresso técnico”.

Este entendimento mais amplo da atuação do arquiteto, buscando uma contextualização da prática arquitetônica em maior escala, com base em outras disciplinas, não é um mero exercício intelectual, mas constitui base sólida que serve de alicerce para a compreensão da produção de arquitetura moderna no Brasil e, conseqüentemente, da produção de Roberto Castelo. Tais preocupações aparecem também no discurso de outros importantes arquitetos do período, como Sérgio Ferro (1938) e Vilanova Artigas. Este analisa a produção arquitetônica para além da materialização concreta do espaço, mas compreendendo os aspectos sociais intrínsecos a tal atividade, sem, no entanto, se opor à sua

⁴ Texto – “O processo de construção do espaço social”, não publicado, elaborado para os alunos das disciplinas de Projeto Arquitetônico e fornecido para os autores.



dimensão prática. A análise de Kamita (2015, p. 77) sobre a postura de Artigas reforça o argumento:

A importância de Artigas foi ter ampliado o campo de alcance da arquitetura para além de seu domínio disciplinar, sem, contudo, reduzi-la a mero comentário de teses sociológicas. O viés ideológico e crítico de textos e projetos de modo algum significava que se criara uma relação hierárquica, de subordinação entre o estético e o social, como se fossem instâncias externas um ao outro.

Assim, tem-se uma base para analisar como essa prática se deu na modernidade, seja na esfera global, seja na esfera da arquitetura produzida no Brasil. Para isso, Castelo coloca algumas questões. Ao nível da produção: 1) como se instaurou o modernismo no Brasil sem que a política do regime de Vargas comprometesse o seu projeto social; 2) como se estabeleceu o projeto social, contando com agentes que se apropriavam individualmente de um trabalho que sempre foi coletivo; 3) como se firmou a nova tecnologia industrial em um processo produtivo que ainda se apoiava basicamente na mão-de-obra semiescrava; 4) como se produziu o novo no interior de uma superestrutura arcaica. Ao nível da formação social: 1) como o modernismo brasileiro elaborou uma linguagem arquitetônica própria, capaz de satisfazer as aspirações de identidade nacional, sem que fosse capturada pelo governo Vargas; 2) como compatibilizou o “status” simbólico da arquitetura moderna brasileira com as urgências materiais concretas do subdesenvolvimento; 3) como compatibilizou a nobreza e generosidade de intenções do projeto social da modernidade que se pretendia mais justo e humano com a realidade concreta de uma sociedade de classes fechada e segregada; 4) como o modernismo conciliou a abertura social implícita no projeto com a estratificação social existente.

Tais questões não são sucedidas por uma resposta direta, mas apontam o caminho de investigação seguido por Roberto e servem como base para construção de seu raciocínio.

Abordagem pedagógica



No que se refere ao ensino de arquitetura, os textos de Roberto Castelo não constituem uma visão sistemática ou teórica sobre o assunto, mas uma reflexão crítica frente ao que o arquiteto vivenciou, seja como estudante e, posteriormente, como professor. Com base nisso, tratam de alguns temas principais. Primeiramente, o entendimento do papel das universidades em proporcionar a integração entre a produção de conhecimento em arquitetura e o movimento prático das transformações requeridas pela sociedade brasileira. Em decorrência disso, uma visão crítica frente ao processo de dismantelamento dessa relação, seja o ocasionado pela Ditadura Militar a partir de 1964, seja através do processo de sucateamento pelo qual passam as universidades atualmente.

Partindo da visão sociológica abordada no item anterior, é possível perceber que Castelo entende o Brasil como uma nação que precisa libertar-se política, econômica e culturalmente do atraso e da dependência. Para isso, apropriar-se do fenômeno arquitetônico torna-se condição vital para a superação, resultado que pode ser obtido através de uma teoria da arquitetura: *“A reivindicação da formação teórica é, talvez, a mais importante tese a ser defendida pelas escolas brasileiras de arquitetura”*. (CASTELO, 1997b) O arquiteto persegue, então, que essa formação deve ser feita exatamente nas universidades, tendo em vista que, segundo o arquiteto, elas são “o lugar da reflexão e da difusão do conhecimento, (...) da produção e, ao mesmo tempo, crítica do conhecimento produzido” (CASTELO, 2010) (informação pessoal)⁵. Isso não significa reduzir educação à política, mas reconhecer os prolongamentos rebatimentos políticos do ato pedagógico. Entende, então, o ensino de arquitetura da seguinte forma:

É imperioso e urgente que se assuma o ensino da arquitetura como um processo que se caracteriza por uma atividade mediadora no seio da prática social e garanta um processo pedagógico sempre referido à sociedade concreta e historicamente situada e não ao mercado, por seu caráter limitado e restritivo. (CASTELO, 2005)

⁵ Palestra proferida na Universidade de Brasília.



Percebe-se, então, um sentimento de urgência com relação a esse ensino, numa tentativa de ir contra uma prática elitista, individualista, fruto de demandas de uma sociedade capitalista baseada no consumo. A apropriação do conhecimento arquitetônico, a possibilidade de fazê-lo não apenas por si ou para si, mas em benefício de todos, era condição vital para a superação de uma postura elitista, reconhecendo no desenho erudito a promessa da reconciliação social. (CASTELO, 2009) (informação pessoal)⁶.

Como já exposto, a vivência acadêmica de Roberto Castelo se deu em lugar e momento ímpares na história brasileira. A UnB, em seus primeiros anos, representava uma experiência inédita em termos de ensino no país, uma vez que contava com alguns dos maiores expoentes em diversas áreas do conhecimento, unidos por uma ideia comum norteadora. É possível afirmar, pelo próprio pensamento de Roberto Castelo, que essa diretriz era exatamente o vínculo com a realidade social do país.

Esse conjunto de ideias começa a ser posto em cheque a partir de 1964, com o golpe militar. Além da demissão em massa de professores e da repressão, Roberto Castelo (1997b) que durante vinte anos, “as escolas de arquitetura deixaram de discutir a realidade arquitetônica brasileira, remetendo-se à produção internacional.” Desse modo, as “discussões arquitetônicas ficaram restritas à própria disciplina. Absorvia-se das revistas os pressupostos pós-modernos”.

(...) fosse por causa das demissões ou das aposentadorias sumárias dos professores universitários impostas pelo governo militar; fosse por causa das restrições que impôs a divulgação das obras, terminando por inviabilizá-la e, assim, impedir a troca de experiências no plano nacional, obrigando professores e alunos a se voltarem exclusivamente para a produção internacional; fosse pela exclusão das disciplinas humanistas dos currículos, redirecionando as discussões arquitetônicas para o âmbito exclusivo da tecnologia; fosse por esvaziar a arquitetura de seu conteúdo social sem que se percebesse que o social está arquitetonicamente resolvido na obra; fosse pela supressão dessas disciplinas, ocasionando a mera abstratividade formal; fosse, ainda, pela im-

⁶ Texto lido por ocasião da entrega dos títulos de Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará aos professores José Liberal de Castro e José Neudson Bandeira Braga.



possibilidade da arquitetura brasileira em sua estreita relação com as questões socioeconômicas do país (...) (CASTELO, 2015)⁷

Tudo isso conflui para uma formação desligada dos valores sociais, das contradições que constituem parte importante da vida nacional, excluindo, inclusive, a reflexão sobre o trabalho que o arquiteto executa. Por ocasião dos 40 anos do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC, Roberto Castelo (2005) faz uma crítica ao dismantelamento da universidade pública, face ao crescente quadro de privatização, excessivas contratações de professores substitutos sem maiores compromissos com o ensino. Como consequência, perde-se a relevância dos arquitetos da Universidade com relação à resolução dos problemas da sociedade.

Este princípio básico que determina o relacionamento entre teoria e prática, entre ciência e profissionalização, entre os interesses humanistas e as exigências pragmáticas, deixa de ser entendido como determinante. Os cursos passaram a trabalhar com modelos abstratos, atribuindo suas deficiências exclusivamente às metodologias, técnicas e instrumentações pedagógicas.

Tal argumento mostra que a crítica de Roberto não se limita ao período da ditadura militar, mas permanece diante do quadro atual de sucateamento das universidades públicas e a manutenção e intensificação da formação de mão-de-obra atendendo exclusivamente aos interesses do mercado e do capital. Mostra também que o entendimento desse processo perpassa o próprio entendimento do papel da arquitetura moderna frente aos desafios da modernidade que se estendem aos dias atuais, o que será mostrado a seguir, tendo como enfoque a abordagem arquitetônica.

Abordagem arquitetônica

⁷ Texto escrito por ocasião do Fórum Hélio Duarte, em Fortaleza.



Em suas reflexões mais diretamente ligadas ao campo da arquitetura, Roberto sofre grande influência de Edgar Graeff em “Uma sistemática para o estudo da teoria da arquitetura” (2006), obra de referência para o arquiteto do ponto de vista teórico e que, como será mostrado, serve de base para a estruturação de seu pensamento no campo específico da disciplina.

Um primeiro ponto que aproxima a visão de Roberto dessa base teórica é a divisão entre os aspectos internos e externos ao campo da arquitetura. Como percebe-se na obra de Graeff (2006, p. 9):

A Teoria da Arquitetura deverá permitir a posse de uma visão total do fenômeno arquitetônico; uma visão que revele não só a existência da arquitetura num momento determinado, mas também o seu desenvolvimento através do tempo histórico e do espaço geográfico.

O autor afirma que a Teoria da Arquitetura deve compreender não só os diversos aspectos do campo da arquitetura, como também as modificações causadas por agentes externos a este campo, bem como o “conhecimento do comportamento dos diversos aspectos da arquitetura quando eles travam relações mútuas no processo de desenvolvimento da arquitetura.” (GRAEFF, 2006, p. 10). Essa visão ampla e que extrapola o campo da própria disciplina será o ponto de partida para apresentar a abordagem arquitetônica dentro da divisão proposta para a produção teórica de Roberto Castelo.

Se nos aspectos externos ao campo da arquitetura, é possível perceber um viés mais sociológico, que aproxima Roberto Castelo das visões de Lucio Costa e Artigas, na estruturação dos aspectos internos ao campo da arquitetura, seu posicionamento se ampara diretamente na sistemática proposta por Graeff, especificamente ao propor a divisão entre o programa arquitetônico e os meios de composição da arquitetura:

No processo da Composição de Arquitetura, destacam-se dois aspectos fundamentais e de máxima generalidade, que reúnem, dentro de si ou à sua volta, todos os demais aspectos. São eles o Programa Arquitetônico e os Meios de Composição de Arquitetura.



Existe uma certa precedência hierárquica do Programa sobre os Meios. Ambos os aspectos são igualmente necessários e indispensáveis à realização da obra de arquitetura, porém, o Programa adquire maior importância porque traduz necessidades e aspirações humanas.

O Programa “diz” que obra deve ser realizada. Fixa o objetivo do processo composicional e, em última instância, contém os elementos que estabelecem, no plano filosófico, as finalidades da arquitetura.

Os Meios compreendem os recursos intelectuais e materiais necessários e disponíveis para a realização da obra determinada pelo Programa.

Os Meios estão, assim, a serviço do Programa: são escolhidos em função das exigências humanas contidas no Programa. (GRAEFF, 2006, p. 15)

Será possível perceber, agora, como a divisão em aspectos externos e, portanto, mais específicos, e internos, mais genéricos, do campo arquitetônico, e a sistematização destes aspectos mais internos são incorporados por Roberto em sua produção textual.

Partindo, portanto, de aspectos mais amplos e multidisciplinares, Roberto adentra em questões próprias da disciplina, enquadrando a atividade arquitetônica como uma prática específica e peculiar, entre as diversas práticas sociais. Constituindo-se por um equacionamento espacial de diversas necessidades e aspirações individuais e coletivas, essa prática é composta por três etapas - programação, prefiguração e representação - que compreendem o processo de projeção e por uma etapa de construção do objeto. O programa, a primeira das etapas constitui um equacionamento espacial de diversos outros fatores, sejam políticos, ideológicos, econômicos, etc. Uma vez compreendido isso, é possível definir então as demandas que constituem o campo da arquitetura.

No seu entender, para se expressarem espacialmente, os arquitetos precisam dominar a gramática do desenho, sabendo lidar com linhas, superfícies, volumes, proporção, luz, sombra, relacionando-os de maneira harmônica.

Dominada a gramática da arquitetura e seus diversos elementos, é possível se expressar através de uma linguagem arquitetônica. Partindo de uma escala menor para uma maior, tal conceito engloba desde os aspectos de geometria, materialidade, estrutura, espacialidade interna, externa e harmonia, chegando a uma visão ampliada, através da forma, do



espaço, da ordem e unidade. Roberto Castelo traz, então, alguns questionamentos ao nível da linguagem: 1) como o modernismo brasileiro valeu-se da tradição para estabelecer um léxico compatível com o avanço tecnológico (industrialização) na conformação dos espaços novos; 2) como unificou a variedade de expressão coloquial inerente à linguagem urbana com uma arquitetura simbólica, castiça (sem estrangeirismos) e erudita; 3) como a expressão arquitetônica fundada no passado, na contramão do modernismo internacional, gerou uma arquitetura identificada com a cultura brasileira e de reconhecido padrão internacional. Tomando como base a apreensão de Roberto e tentando fazer uma leitura ampliada da mesma, é possível partir de sua abordagem sociológica da arquitetura, entendendo-a como prática social específica, por consequência, diretamente vinculada às questões sociais, aos meios de produção e ao desenvolvimento tecnológico. Chega-se, então, à arquitetura moderna e na maneira como ela respondeu a tais demandas, seja através das questões levantadas em relação à formação social e aos meios de produção, seja através das questões levantadas em relação aos meios projetuais. Mais do que responder a cada uma das perguntas acima, Roberto Castelo as usa para ajudar a compreender de uma maneira mais abrangente um processo que não é linear, nem uniforme.

Dessa forma, é possível perceber a coerência de seu pensamento com sua produção projetual e entender o seu discurso também como uma obra em constante evolução.

Considerações finais

O exame mais completo da atuação de Roberto Castelo reforça a importância citada inicialmente de se ampliar o conhecimento acerca dos arquitetos e obras que ainda não aparecem na historiografia da arquitetura moderna brasileira. A amplitude de sua atuação, da prática projetual, passando pela relação com o ensino, e, finalmente, na produção teórica, se mostram um todo coerente e de grande importância para a arquitetura moderna no Ceará.



É possível perceber como seu o trabalho intelectual, no esforço de refletir não apenas sobre sua atividade particular, mas também sobre a função social e política do exercício e do ensino da arquitetura, o distingue dos demais arquitetos cearenses do período, ao se aprofundar nos aspectos teóricos da disciplina. Neste sentido, se justifica não só a relevância do arquiteto, como o valor do material desenvolvido por ele, em especial de sua produção textual.

Merece destaque a evidência da grande influência que a estrutura curricular inovadora da UnB teve ao longo de sua carreira, o que foi mostrado brevemente em repercussões específicas em sua maneira de atuar na prática de projetos e na docência, reforçando a importância deste momento ímpar do ensino da arquitetura no Brasil. Em destaque, percebe-se que Roberto consegue aliar os ensinamentos da sua formação e, em especial, da influência de Edgar Graeff, para produzir uma obra escrita consistente, própria e de grande relevância nos âmbitos sociológicos, pedagógicos ou arquitetônicos de uma reflexão teórica sobre arquitetura.

Espera-se que este trabalho possa não apenas tornar mais conhecida a atuação de Roberto Castelo, em especial sua obra escrita, como ampliar a possibilidade de investigação da arquitetura moderna brasileira para além dos edifícios, e através da análise de textos e ideias.

Referências

BARRIOS, Sônia. A Produção do Espaço. In: SOUZA, Adélia de e SANTOS, Milton (Orgs.). **A Construção do Espaço**. São Paulo: Nobel, Coleção Espaços, 1986.

CASTELO, Roberto Martins. **A arquitetura e o vínculo social**. O Povo. Fortaleza, 25 nov. 1997. Opinião, p. 1-2.



CASTELO, Roberto Martins. **Resistência e submissão**. O Povo. Fortaleza, jun. 2005. Vida & Arte, p. 10-10.

CASTRO, André Augusto. **40 anos depois, a formatura**. 2004. Disponível em: <<http://www.secom.unb.br/unbagencia/ag0204-04.htm>>. Acesso em: 27 out. 2016

GRAEFF, Edgar Albuquerque. **Uma sistemática para o estudo da teoria da arquitetura**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

KAMITA, João Masao. A casa como "atitude crítica". In: MEDRANO, Leandro; RECAMÁN, Luiz (Org.). **As virtualidades do morar: Artigas e a metrópole**. São Paulo: Fauusp, 2015. p. 74-86.

PAIVA, Ricardo Alexandre; DIOGENES, B. H. **Caminhos da Arquitetura Moderna em Fortaleza: A contribuição do arquiteto Roberto Martins Castelo**. In: 1º DOCOMOMO NO-NE, 2006, Recife. 1º DOCOMOMO NO-NE, 2006.

PAIVA, Ricardo Alexandre; DIOGENES, B. H. **Um Moderno Convicto: Roberto Castelo**. AU. Arquitetura e Urbanismo (Seção Documento), v. 156, p. 57-62, 2007.

PEREIRA, Miguel. **Arquitetura: Cultura, formação, prática e política profissional**. São Paulo: Pini, 2005. 267 p.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 2002.